

Verso & Reverso

O que penso, o que sinto, o que sou!
Coletânea de Crônicas

Rui Carvalho

Agradecimentos:

Para meus filhos,
Fábio, Mariana e Camila, que ainda dão algum sentido à minha vida, mesmo à distância, obrigado pela compreensão e carinho.

Para minha mãe,
Lídia, sempre um porto seguro nas muitas fases de tormenta.

Para todos os meus amigos em Portugal, mas,
principalmente o *Hernâni* e o *Costa*, irmãos de todas as horas, e,
Jim
(JB César), o paciente editor do meu primeiro trabalho publicado.
Fotógrafo de mão cheia e olho apurado.

Meu agradecimento especial à
MSF (ela sabe quem é), musa inspiradora das melhores crônicas
da
fase de 2006. Aprendemos juntos, amamos e sofremos juntos.
Desejo só o melhor da vida pra você e tua linda família. Você
merece a felicidade que teus olhos expressam. Nunca mais deixe
que te digam como se deve amar...

Por fim, meu respeito sincero a você, língua portuguesa, que
tanto me fascina desde que fomos apresentados. Adoro brincar
com teus significados, sonoridade e nuances...

ÍNDICE

Prefácio	Pág 5
Quem Espera Sempre Cansa	Pág 10
Poetas (soro) Positivos	Pág 17
Papo Cabeça	Pág 21
O Sorriso de Monalisa	Pág 28
Palavroterapia	Pág 40
A Europa de Graça	Pág 45
A Lógica Linear dos Portugueses	Pág 53
A Fumaça e o Vento	Pág 59
Era Uma Vez em Stolzland	Pág 64
Autofagia Social	Pág 71
Servindo a Dois Senhores	Pág 75
Crise de Identidade	Pág 83
Receita de Frango com Uísque	Pág 88
Ser ou Não Ser	Pág 91
Sopa de Letras	Pág 96
Meu Sonho(?) Americano	Pág 98
Machismo Tupiniquim	Pág 104
Insônia e Reflexões	Pág 107
Ao Mestre com Carinho	Pág 110
Mulheres!	Pág 114
O Caderninho Verde e o Vermelho	Pág 116

Labirinto de Incertezas	Pág 122
O Namoro das Letras	Pág 128
O Círculo	Pág 132
Sonhos de Uma Noite de Inverno	Pág 135
Bagagem com Excesso de Passageiro	Pág 143
Coração Independente	Pág 148
A Marca de Batom	Pág 153
O Pior Emprego do Turismo	Pág 163
Crise de Rico	Pág 170
doutores & Doutores	Pág 178
Fado ou Chorinho	Pág 182
A Hipocrisia também mata	Pág 184
O melhor remédio é o bom senso	Pág 189
25 de Abril, dia de comemorar!	Pág 196
Devemos ir às ruas, mas pelo motivo certo!	Pág 200
O melhor refúgio para a crise é a Constituição	Pág 204
Que Brasil queremos depois do PT?	Pág 209
A hotelaria e o complexo de <i>Miss</i>	Pág 213
Sobre Lula, palestras e empreiteiras...	Pág 218
<i>Impeachment</i> não é golpe	Pág 225
A César o que é de <i>César</i>	Pág 229
Carta de despedida	Pág 232
Só falta combinar com os Russos	Pág 237

PREFÁCIO

Escrever, ah escrever! Martírio para tantos, prazer para alguns, profissão de poucos. Desde que meu avô me deu um lápis para coçar a orelha, lá pelos idos de 1960, desconfiei que havia função mais nobre para tão prosaico instrumento.

Comecei a rabiscar muito cedo, fui alfabetizado antes mesmo dos cinco anos, e isso fez toda a diferença. Ler e escrever passou a ser tão vital quanto respirar ou comer. Aos dez anos, meu professor do ensino fundamental lia minhas redações para a turma, deixando-me mais corado que romã madura! Ninguém percebia que era a timidez que me fazia escrever. Encarar o papel em branco era muito mais fácil do que o olhar de um interlocutor! Sim, eu sempre fui um tímido. Um tímido que se especializou, muitos anos depois, em falar em público. Um tímido que faz palestras, apresenta programas na televisão, e fica muito à vontade em entrevistas. Mas, ainda assim, um tímido!

Alguns discípulos de *Freud* defendem que a dificuldade de encarar alguém na intimidade faz com que pessoas como eu busquem refúgio no anonimato das multidões, dos auditórios, desenvolvendo a capacidade improvável de falar

em público, ou, pelo menos, em situações de estresse, de falar muito e sem parar. Não sei se há estudos que fundamentem essa opinião, mas sei de uma coisa: o silêncio intimida, constrange. O silêncio só pode ser confortável entre duas pessoas muito íntimas. Pegue o exemplo de um elevador. Haverá coisa mais embaraçosa do que entrar num elevador na companhia de um estranho? O desconforto é tal que não paramos de olhar o painel, ou de apertar repetidamente o botão já tantas vezes apertado, na tentativa de encurtar o tempo e aumentar o espaço. Acabar com o martírio de não saber o que fazer ou dizer. Nós, tímidos, olhamos para o chão e para o alto, mas raramente encaramos a pessoa ao nosso lado. São os segundos mais longos que podemos medir. Algo parecido acontece quando saímos com alguém pela primeira vez. É quase impossível ficar em silêncio, mesmo que seja por poucos momentos. O silêncio fica tão incômodo que parece ensurdecedor. Incomoda, constrange, embaraça, e leva-nos a uma enxurrada de palavras, muitas vezes sem sentido, que saem de nossa boca como se tivessem vida própria.

Pois é, o silêncio é um bem tão precioso que não sabemos como lidar com ele. Para nós, os tímidos, o silêncio é tão valioso que não há lugar onde guardá-lo com segurança, não há onde escondê-lo senão contrabandeado nas palavras que não

conseguimos evitar! Esses somos nós, os falsos desinibidos, sempre tão falantes e comunicadores. Mas como é que um tímido pode ficar tão à vontade falando em público, por exemplo? Não parece, mas há lógica nesse comportamento. Para nós, é muito mais fácil falar para a multidão anônima, para os colegas da sala de aula ou de reuniões, participantes de um comício ou ouvintes de um programa de rádio, do que encarar alguém na intimidade de um jantar a dois, ou no elevador. É que na ausência de habilidade para disfarçar o constrangimento imposto pela intimidade do silêncio, a saída é quebrá-lo, desafiá-lo, vencê-lo com aquilo que ele mais teme, o falatório ininterrupto, única ação capaz de desarmar as armadilhas da falsa intimidade entre dois estranhos. Se falar em público, evitando a intimidade do silêncio, já é um alívio, imagine então a delícia de escrever, pegar uma folha de papel em branco, ou uma página virgem do editor de textos, e sair despejando o que te vai na alma, sem julgamentos, sem peias, sem censura. Ah que delícia... ah que bela maneira de enganar a timidez! Não acredita? Pergunte ao Luiz Fernando Veríssimo se prefere escrever uma crônica ou dar uma entrevista?

Pois é, tudo isto para dizer que é contando *causas*, escrevendo crônicas, socializando meus pensamentos, minhas verdades e minhas

dúvidas, que eu mais me realizo. Dependendo da inspiração, do sentimento que repentinamente me invade, sou capaz de sair da cama no meio da noite para denunciar no papel os pensamentos que me fizeram perder o sono! É uma espécie de vingança contra eles, por terem ousado atrapalhar a fluidez do meu descanso.

Só colocando-os no papel eu desabafo, me livro deles, eu os expurgo, recuperando minha paz. Só depois de traduzir meus pensamentos no papel fico mais parecido comigo mesmo, me encontro, me conheço e reconheço, relaxo, enfim, aceito a intimidade do silêncio no justo sono! Olha eu aqui de novo despejando palavras aos borbotões, como se o texto psicografado fosse! É inevitável, é compulsivo. Não consigo evitar que a palavra seguinte suceda a anterior, parece que sempre há mais alguma coisa a dizer, e está aí a essência do tímido: sempre há algo que ainda não foi dito, e que pode retardar a chegada do silêncio. Se a ausência de plateia o impede de dizê-lo, pois bem, escreva. Onde se depreende que todo escritor é um tímido! Bom, também pode ser apenas um carente clamando atenção! Esta é minha tese.

Pois é, amigo leitor, antes que esta, que deveria ser uma breve introdução, se transforme em mais uma crônica, quero convidá-lo a passear, sem pressa alguma, pelo resultado da minha timidez,

através da leitura dos textos deste livro. Mas vá despido de preconceitos, vá de coração aberto, desarme o espírito e não me julgue, apenas aceite o convite para navegar nas minhas ideias, nas minhas pequenas histórias. Não garanto grandes aventuras, minhas pretensões literárias não vão além da satisfação de pequenas veleidades, mas no fim, mesmo que não goste de nada do que escrevi, pense que o não gostar já é uma reação, um motivo para ter lido, que sabe um alinhar de argumentos para se contrapor a mim. Faça desses argumentos uma história, escreva-a, publique-a, envie seu texto de encontro ao meu. No fundo, bem no fundo, há de convir que o mundo seria bem melhor se todos lessem mais, escrevessem mais, pensassem mais, agissem mais, descarregassem suas insatisfações no papel e não na vida ou nos outros! Minha arma são as palavras, ao escrever eu me livro delas, fico desarmado. Desarme-se também e aproveite a viagem. É a melhor terapia para os tímidos, e o melhor remédio para os curiosos. Ousadia mesmo é ter a coragem de dizer o que pensa, sem se importar com as críticas dos outros. Ter a coragem de admitir que se tem uma doença crônica: a dificuldade de se tornar íntimo de alguém. Doenças crônicas, como todos sabem, exigem tratamento contínuo, e é por isso que eu não paro de escrever. Podia ser pior! Ou não.

I

QUEM ESPERA SEMPRE CANSA!

Texto de 2006

E S P E R A R. Até o som dessa palavra causa arrepios, incomoda, é áspero! Esperar por alguém, por alguma coisa, deveria ser proibido por lei. Digo mais, deveria ser tratado como crime hediondo, inafiançável. Em minha opinião é uma das atitudes mais difíceis do ser humano. Pelo menos daquele que se considere minimamente humano. Se a espera for por alguém, então, a coisa é muito pior. Gera uma ansiedade que envenena, consome as vísceras na velocidade de um câncer em estado terminal. Não sou médico, mas tenho certeza de que esperar não é saudável. A descarga de substâncias (não sei quantas nem quais) que a corrente sanguínea recebe durante a espera só pode ser altamente prejudicial. Não sei se são hormônios, feromônios, demônios, enfim, outros *ônios* que a ciência conhece, e provavelmente alguns que ela ainda nem conhece, mas esperar é envenenar, se não o corpo, pelo menos a alma. Para quem a tem isso é terrível, para quem não tem, morre sem saber a causa! O Ministério da Saúde deveria advertir: “Atenção, *esperar faz mal à saúde*”, e fazer publicar anúncios com cenas fortes de rostos crispados, olhares ansiosos, dedos nervosos tamborilando tampos de mesa indiferentes, bocas se contorcendo em esgares indecifráveis, enfim, cenas

típicas de quem passa pela angústia de esperar alguém ou alguma coisa.

Quem não concorda comigo por certo nunca esperou, *apaixonado*, por alguém. Digo apaixonado por saber que esse tipo de espera é o mais letal, o mais devastador. Tome-se um encontro marcado entre dois amantes como exemplo, e tem-se o retrato acabado da tortura. Enquanto esperamos provocamos uma revolta silenciosa (às vezes nem tanto) em meia dúzia de áreas vitais. O primeiro a sofrer é o estômago, que se vê às voltas com um misterioso buraco sem fundo bem na entradinha, na boca. Isso provoca ânsia de vômito e, nos casos mais graves, diarreia. A cabeça gira, ou pensa que gira, enlouquecida como um pão, provocando visões tão improváveis como a da amada que, finalmente chega. O peito arfa, alquebrado pela falta de ar, pedindo arrego e ameaçando explodir. As mãos umedecem, tremem, fazem movimentos desconexos e sem sentido. O pé, mais das vezes, bate num ritmo compulsivo em qualquer superfície que possa servir-lhe de amparo. A boca fica seca, amarga, os lábios se contraem esboçando carrancas involuntárias. É um caos, um *tsunami* cujas ondas nos roubam a dignidade! E como qualquer caos deixa marcas, demora para ser entendido e assimilado. Daí eu pergunto: qual a chance disso ser coisa boa? Então como não pensar em proibir tal desatino? Mas vá lá, vamos com calma, retomemos a ideia inicial. Proibir a espera traria muitas vantagens.

Além da evidente economia de fluídos e sensações, que poderiam ser usadas em situações mais nobres, o corpo seria poupado de um esforço para o qual, obviamente, não está preparado. Evitar o desgaste da espera serviria para prolongar a vida útil de órgãos e tecidos (principalmente unhas e cabelos), e diminuir a expectativa, que leva à ansiedade, que abatece esse torvelinho devastador, quanto mais não seja, para a autoestima! Qualquer médico é capaz de recomendar um processo de relaxamento para melhorar a saúde, mas é curioso como ninguém nunca pensou em atacar, com a letra fria da lei, uma das causas principais do estresse, a espera! Não acham que os políticos, tão criativos nas questões de legislar em causa própria, já deveriam ter se pronunciado sobre o assunto? Não creio que haja outro jeito, é preciso ter coragem para adotar uma atitude radical capaz de enfrentar esse tormento: é preciso proibir a espera. A pena a ser aplicada aos infratores poderia ser assim: *quem fizesse esperar alguém, qualquer que fosse o motivo, deveria ser condenado a esperar o dobro do tempo!* Nas mesmas circunstâncias, com a mesma *sofrência*, as mesmas angústias, os mesmos tiques nervosos. E tem mais: sem direito a regime especial ou visita íntima - a não ser a do peso da consciência -, progressão de pena, indulto de natal, celular contrabandeado ou pena alternativa. Pronto. Bem feito. Quem mandou não ser pontual? Acham injusto? Eu não acho. Seria a aplicação prática da famosa sentença do “*que a vida te dê em dobro tudo aquilo que me desejás*”. Ou, se preferirem, o canibalesco

(ou será bíblico?) “*olho por olho, dente por dente*”. Eu acho lógico, simples, justíssimo!

Mas falando sério agora, haja paciência, haja autocontrole, haja capacidade de sofrer! O ato de esperar consegue mexer com todos os nossos músculos. O *esperador*, peraí, ESPERADOR? Que interessante, reparem na composição da palavra: *esperador* = *espera* + *dor*, emblemático, não é? Precisa dizer mais alguma coisa, gente? O fato é que quem espera não consegue evitar as carrancas, caras e bocas, o contorcionismo mental e o caos. Isso só pode fazer mal à saúde e provocar rugas! Já repararam que a expressão mais comum do *esperador* é o cenho franzido? Ele faz com que o rosto exiba um semblante de pesar, de preocupação, de sofrimento mal contido. Isso é só a ponta visível do *iceberg* da angústia, só *esperadores* contumazes como eu, que tenho o péssimo hábito de ser britanicamente pontual, sabem o que é ser roído por dentro! Mas a questão é: o que fazemos para evitar, ou amenizar, esses intermináveis e excruciantes momentos? Fazemos de tudo. Sim, fazemos qualquer coisa, mas é tudo em vão. Começamos a ler qualquer coisa que tenhamos à mão (vale até bula de remédio homeopático), mas paramos. Iniciamos a escrita de um texto, mas não o terminamos. Trocamos o CD no som do carro, mas não prestamos atenção nem até ao meio da primeira faixa, não sabemos dizer se era forró ou *heavy metal*, tanto faz, é tudo igual! Alguns, mais desesperados, acendem um

cigarro no outro, como se isso apressasse o relógio! Não disse que era um caos?

Nada parece capaz de dar alívio a uma espera! Apesar de todo o *furdunço*, entretanto, sempre é possível beneficiar-se de um, digamos, *efeito colateral!* Senão vejamos: qual a melhor ocasião para estudar em detalhes uma tela de *smartphone*? Essa é fácil, não é? Basta que estejamos à espera de um telefonema. Já perceberam como não conseguimos tirar os olhos do aparelho por mais de duas ou três *respiradas*? Pegamos no dito cujo a cada dois segundos como se já se tivesse passado meia hora, verificamos o sinal, a carga da bateria, o modo de atendimento. Mais dois intermináveis segundos e olhamos novamente o inútil *mudinho* que não se manifesta! Checamos todos os itens pela enésima vez, e ainda uma vez mais, só por garantia! Os mais detalhistas (ou ansiosos?) chegam a pegar o manual de instruções para ver se há alguma falha que possa ser reparada ou um modo que faça o maldito induzir a ligação esperada. É um inferno! Depois de horas olhamos o relógio para constatar que não se passaram mais que cinco minutos. Isso lá é vida gente?

E quando esperamos alguém num local público? Ah, mas é um drama! Andamos de um lado para outro, verificamos as horas só para medir o ritmo dos ponteiros, na esperança de os apressar com nossa reprovação, simulamos atender o telefone (para ajudar a matar o tempo que não queremos ter), contamos os

quadrinhos cerâmicos da calçada uma e outra vez, e ainda mais uma para conferir a soma, prova dos nove e tudo! Mas nada. Não adianta. A pessoa nunca chega! Olhamos pela centésima vez o local por onde ela deveria chegar. Tentamos enxergar em quem passa por perto traços que nos levem a identificar a pessoa que esperamos. Tentamos encontrar alternativas de chegada, novas rotas, caminhos que não conhecemos. Quem sabe ela vem pelo outro lado? Talvez já tenha chegado e está no *lavabo*, se enfeitando para nós! É uma loucura, um desperdício de tempo que nos come por dentro, como doença ruim. Mas se isso acontece num encontro comum, sem grandes expectativas, imagine quando esperamos nossa paixão? Aí é o fim do mundo, é impossível ter qualquer controle sobre nosso corpo. Parece que tudo entra em colapso, em choque, em conflito! Mas sabe o que é pior? É que ficamos inventando desculpas para o atraso, todas elas prontamente recusadas pela nossa ansiedade. Tentamos encontrar motivos razoáveis, mas tudo que conseguimos é nos desesperar ainda mais. Num determinado momento, quase em pânico, resolvemos usar o que nos resta de dignidade e pensamos: *“quando ela chegar, vou ficar de cara amarrada, quem sabe xingar e gritar toda a minha raiva. Desta vez não tem perdão!”* Mas é então que, pela última vez naquele segundo, olhamos o relógio e percebemos que ela está menos de dez minutos atrasada! Não adianta. Isso não é desculpa. Nossa mente, confusa, exausta, preta de desânimo, não consegue mais disfarçar o sofrimento de

horas de espera interminável. De repente, lá vem ela, caminhando com passos lentos (pelo menos é o que parece), com um sorriso amarelo estampado no rosto, diz antes que tenhamos tempo de esboçar qualquer reação: “*não estou muito atrasada, né?*” - “*Claro que não, amor*”, respondemos sem conseguir disfarçar a alegria de vê-la por perto, “*claro que não, acabei de chegar, estava aqui distraído, checando o tuíte*”!

Definitivamente, esperar alguém deveria ser proibido por lei. Considerado crime inafiançável. Mas fico pensando: e aqueles que não têm ninguém para esperar? Não será castigo maior? Haverá coisa pior que esperar quem não temos, quem não ficou de vir? Será que isso não é quase uma espera por nós mesmos? Deve ser como sentir saudade de quem não conhecemos! Sofrer de amor por alguém que nem existe! Pensando melhor, esperar alguém, principalmente se for a pessoa amada, não é tão ruim quanto a dor de não ter quem esperar!

Mas quando lembro de quantas vezes esperei quem não merecia o sacrifício da espera, de quantas vezes esperei quem nunca veio, não posso deixar de concluir que esperar faz mal ao *ser humano*! Ah faz, sim. Faz tão mal que devia ser proibido por lei, como crime hediondo, inafiançável. Simples assim. Será que um dia encontrarão a cura para nós, *esperadores*? Bom, isso só esperando para ver!

II POETAS (*soro*)POSITIVOS!

Texto de 2005

“...*ideologia, eu quero uma pra viver...*” escreveu o poeta *Cazuza* numa de suas músicas mais provocativas e inspiradas. *Cazuza* já se foi; partiu levado pela *AIDS*, provavelmente sem ter encontrado uma *ideologia* que coubesse nos seus sonhos mais loucos! Com estarrecedora franqueza ele dizia mais à frente, na mesma canção: “...*meus heróis morreram de overdose, e meus inimigos estão no poder!*” Curiosa constatação para quem, como ele, deve ter composto tantas maravilhas *turbinado* por doses e mais doses de sabe-se lá o quê! Versos como “...*tua piscina está cheia de ratos e tuas ideias não correspondem aos fatos, o tempo não para*” e “...*eu vejo o futuro repetir o passado, vejo um museu cheio de novidades, o tempo não para...*” revelam um *Cazuza* ironicamente cáustico, uma espécie de profeta profano que tanto nos faz refletir.

Mas aos poetas tudo é permitido. Eles *fazem das lembranças um lugar seguro* e nos levam a confrontar nossas próprias *neuras*. *Cazuza*, com todos os defeitos de uma época libertina e libertária, era um lutador, uma figura controvertida e genial. Qualquer pecado lhe será perdoado, pois sua contribuição ao *rock* brasileiro

foi especial demais para que nos percamos em críticas de comportamento ou análises moralistas. Sua principal característica era a contundência, a completa ausência de meias palavras em suas letras. Não havia lugar para dúvidas, sua poesia é cortante como um fio de navalha, sua visão crítica da sociedade brasileira é digna de um compêndio de sociologia, deveria ser obrigatório o seu estudo nas universidades. Muitos de seus versos não deixam dúvidas de que Cazuzza, embora jovem, burguês e mimado, tinha uma capacidade impressionante de sintetizar as mazelas de uma sociedade hipócrita e moralista, muito mais surrealista do que alguns de seus versos! *Piscinas cheias de ratos*, num país onde se rouba tanto, de governos tolerantes, incestuosos e permissivos, para comprar luxos e ostentação que apenas acentuam o abismo entre os mais ricos e os miseráveis, talvez não seja exatamente uma metáfora surrealista!

Mas enfim, Cazuzza não era sempre tão ferino... tão ácido...também foi capaz de cantar o amor! Talvez não com a sutileza da poesia de Pessoa ou Camões em seus sonetos, mas, a seu modo, o amor explodia imponente e sôfrego em versos como: “*...Pra que chorar, dizer que perdoou / tentar ficar amigos sem rancor / a emoção acabou, que coincidência é o amor / a nossa música nunca mais tocou... / Pra quê usar de tanta educação, pra destilar terceiras intenções / desperdiçando meu mel / devagarzinho flor em flor /*

como um inimigo beija-flor...” Ah que saudade do bom mocismo do *bad boy*!

Mas não foi apenas Cazuza que a *AIDS* escolheu como companhia de viagem. Lembro sempre de *Renato Russo* como o roqueiro que teve a ousadia de musicar o soneto de um mestre, de forma absolutamente irresistível! Com parte do talento emprestado de Camões, Renato ensinou aos brasileiros que: “...o amor é fogo que arde sem se ver, é contentamento descontente...é dor que desatina sem doer...” e por aí vai! Convenhamos, não é fácil dar consistência melódica a um clássico de tal estatura poética, e conseguir, surpreendentemente, deixá-lo melhor e mais palatável! Coisa de gênio...de gente especial!

Fico pensando em minhas noites de insônia: será que a *AIDS* é alguma coisa superior? Com predileção por almas privilegiadas? Que insiste em tirar da nossa convivência pessoas que, independentemente do caminho que escolheram para suas vidas, nos brindavam com sua sensibilidade, criatividade e incrível habilidade de vestir palavras simples com roupa de gala?!?

Não tenho a resposta, nem quero a resposta. Eu, que sempre persegui a obra prima que nunca vou escrever, contento-me com a visão que Renato Russo tinha do amor bandido, do abandono, da busca do melhor caminho! Usando da liberdade que só aos poetas é permitida, faço minhas as palavras dele:

“...onde está você, além de aqui, dentro de mim?...” e como arremate, uma prova de que aos poetas também se permite o uso do pragmatismo, embora ligeiramente embaçado por um véu romântico: “...já que você não está aqui, o que posso fazer é cuidar bem de mim!...” Nada mais sábio, nada mais certo, só é pena que Renato não tivesse provado de sua própria receita...não conseguiu cuidar bem dele mesmo e, mais uma vez, *Dona AIDS* se antecipou e, em mais uma prova de sua curiosa inclinação para o bom gosto musical, nos levou mais um!!!.

..” *Lembra que o plano era ficarmos bem?...*” Cantava Renato em tom de despedida numa de suas melhores canções. Nós é que não estamos bem sem eles, estamos, sim, morrendo de saudades dos *Cazuzas*, *Renatos*, *Mercury's* e tantos outros que nos deixaram órfãos... Os órfãos da *AIDS*!

E ainda há quem diga que essa doença é castigo dos Céus! Eu acho que se é mesmo castigo, deve ser é dos infernos! Eu hein?

III PAPO CABEÇA!

Crônica de 2006

Há coisas para as quais nunca estamos preparados. Não adianta termos experiência, termos passado várias vezes pela mesma situação, nada muda quando se trata de subestimar a capacidade das pessoas de nos fazerem sofrer! É bem verdade que nem sempre é culpa delas, mas das armadilhas que nosso coração desaforado arma para nos pegar. Mas dá no mesmo, o resultado nunca é agradável nem fácil de entender.

Eu, por exemplo, há muito percebi que tenho um coração independente. Até já escrevi uma crônica com esse nome, há alguns anos. Meu coração gosta de agir por sua própria conta e risco, toma decisões que me afetam, sem me consultar. O problema é que as consequências não são suportadas por ele, mas por mim. É a cabeça a fiadora de todas as estripulias que o coração apronta. O danado age sozinho, por impulso, como qualquer adolescente irresponsável, e eu que me

vire, depois, para consertar os estragos, limpar a bagunça!

Parece que desta vez não será diferente. Estamos de volta à velha rotina. Não consegui evitar que ele embarcasse numa canoa furada, numa viagem sem sentido e com bilhete só de ida, daquelas que a gente sabe como começa, mas nunca sabe como termina! Eu bem que tentei avisá-lo, resisti o quanto pude, coloquei obstáculos, apelei para o bom senso e até usei alguns golpes baixos como tentar enganá-lo mentindo a idade! Tudo em vão. Na primeira bobeadada que eu dei lá se foi o desgraçado pela vida afora em busca do sonho impossível, de novo! Ele vai, e eu fico em pânico, esperando a hora dele voltar, amassado, agredido, humilhado, exaurido de tanto dar sem receber. Triste sina a minha, servir de babá para um coração tresloucado, em permanente conflito com o senso comum, brigando sempre com a razão.

Certa vez disse-me ele na cara dura: *“é preciso arriscar, não há emoção sem risco. Minha tarefa é bater sem parar até que a morte nos faça uma visita, quase sempre inesperada, mas definitiva, fatal. Se é assim, se tenho que bater sem intervalo, sem descanso, sem direito a férias*

nem décimo terceiro, prefiro bater por causas mais nobres do que o simples e burocrático bombear do sangue para manter os órgãos vitais funcionando. Buscar bater no ritmo de outro coração é muito melhor, dá mais sentido a este destino ingrato de batidas sem fim, todas muito iguais.”

É um argumento que pode até desafiar os padrões normais de comportamento, mas tem lá sua lógica! O problema é que ele sai por aí desabalado em busca de emoções, e eu fico aqui ansioso, na expectativa, como se espera um filho adolescente que saiu para a balada sem hora para voltar. É muito injusto. Corações deveriam ter vida própria, independente da nossa, seria mais fácil, bem mais fácil!

Mas mesmo para quem já está acostumado, desta vez o meu exagerou! Aprontou uma confusão federal, daquelas difíceis de se livrar. Acreditam que foi atrás de outro coração, muito mais jovem, tão louco quanto ele, e que para piorar, está interessado num terceiro, mais conservador, mais duro, mas com mais tempo de casa? Pois é. Já o avisei que não vai dar certo, mas ele não quer saber de me escutar. Diz que vai lutar até o fim! Esse é que é meu medo! Lutar até o fim? Que fim? Fim

de quem? Meu, dele ou dos dois? E agora? Como me livro dessa? Valha-me Deus!

Hoje, por exemplo, já me deu a primeira facada, ou será pontada? Foi assim: ontem ele voltou para meu peito muito feliz, como há muitos anos não o via. Animado mesmo. Diz que tinha saído em busca daquele outro e parece que conseguiram entender-se, cativou-lhe a atenção por algum tempo. Pelo menos é o que ele diz, mas vai saber? Voltou esbaforido, contando lorotas, que fez, que aconteceu, que o outro bateu mais forte, que pulsou tanto ou mais que ele, enfim, aquelas maluquices de coração apaixonado, sabe como é?

Eu avisei: “toma cuidado, esse outro é inexperiente, bem novinho não está acostumado a essas gincanas. Ainda por cima, ele bate forte pelo outro lá...aquele mais duro, mais conservador, lembra? Toma cuidado, vai com calma, não se empolga.”

Sabem o que ele me respondeu? *“qual é a tua cara pálida? Você está comigo ou contra mim? Poxa vida, eu sei o que estou fazendo, confio no meu taco, tenho certeza que consegui mexer com o outro, consegui*